

## OPORTUNIDADES E DESAFIOS DO MERCADO DE TRABALHO

Maria Arlinda Reis de M. Freitas<sup>i</sup>

Os meios de comunicação noticiam: cresce o emprego formal em São Luís! Esta informação encontra-se dos dados divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que a partir do CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – listou os 100 municípios que mais geram empregos no país neste primeiro semestre de 2008. Dentre eles, São Luís figura em 73º lugar.

Se contarmos apenas as capitais do país, nossa cidade se encontra entre as 17 citadas. Ganhando de capitais como Florianópolis, Maceió e João Pessoa (não citadas). Nada mal para a capital de um Estado tão sofrido!

Ainda é muito comum em nosso meio, todavia, o trabalho informal, bem como o trabalho em condições desfavoráveis, trabalhadores sem carteira assinada, ganhando abaixo do salário mínimo, em muitas áreas de atividade econômica do Estado. Isto que, por um lado, denuncia as poucas oportunidades existentes no mercado, a distribuição desigual da renda e relações de exploração da força de trabalho em nosso Estado; por outro lado, revelam a capacidade de lutar e enfrentar desafios do povo maranhense (pois as condições adversas o habilitam a isto!).

Com base em nossa experiência de mais de 16 anos atuando no mercado de trabalho em São Luís, na área de RH, podemos afirmar que o perfil sócio-econômico da cidade tem mudado em velocidade cada vez maior, porém, o perfil do trabalhador médio não tem mudado na mesma velocidade. Pois vejamos:

Este perfil é ainda constituído por indivíduos de baixa escolaridade, com poucas habilidades ou competências adquiridas para o mercado (cada vez mais dominado pela tecnologia), com pouca ou nenhuma experiência formal, pouco habituado à cultura corporativa, pouco profissionalizado etc. Muitos não conseguem nem mesmo treinar-se em informática, por falta de condições financeiras da família de propiciarem cursos de desenvolvimento.

Além do avanço tecnológico, vários são os fatores que, conjuntamente e em interação, contribuiram para a construção desta nova realidade, dentre eles, o avanço do conhecimento em todas as áreas, a competitividade e as novas metodologias gerenciais, exigindo novas posturas gerenciais, e a busca aguerrida por resultados. Tudo isto exige que a empresa tenha profissionais cada vez mais escolarizados, capazes de agir com autonomia nestes contextos, e de competirem pelas vagas no mercado de trabalho em condições de igualdade com os trabalhadores de todo o país, que cada vez mais acorrem à nossa cidade em busca de oportunidades.

Ainda assim, mesmo o mais preparado profissional precisa estar apercebido de que o mercado não oferece a garantia do emprego, e está submetido a pressões crescentes para aderir a novos conhecimentos e tecnologias, bem como aumentar a produtividade – com isso ele corre mais riscos de se ver desempregado de uma hora para outra, sem grandes possibilidades de negociar seu futuro profissional na empresa.

A nova configuração do mercado, que favorece o aumento do nível de desemprego, apresenta as seguintes características: aquecimento do setor Serviços e da Construção Civil, crescente informalização nas relações trabalhistas e transformação nos requisitos funcionais, com o desenho de novos postos de trabalho e novas habilidades e competências, bem como da polivalência funcional.

Observa-se, ainda, o desenvolvimento e manutenção de um núcleo sólido de profissionais altamente capacitados e qualificados, que auferem os melhores salários e benefícios, que tendem a se manter mais estáveis no emprego; seguidos dos trabalhadores 'mais flexíveis', em boa parte terceirizáveis, com relações mais precárias e com menos garantias trabalhistas,

acompanhado de trabalhadores de baixa qualificação, facilmente substituíveis. Características compartilhadas com todo o restante do país.

No que tange ao aquecimento do setor Serviços, o dinamismo desse setor na criação de empregos no Brasil, segundo Arroio e Régner (em artigo publicado no site do SENAC) se explica por três razões principais: 1. aumento de sua participação na economia; 2. o fato de que o setor funciona como um amortecedor do desemprego gerado em outros ramos de atividade. Por ex., com a demissão da mão-de-obra das indústrias, proliferam formas alternativas, informais, de gerar renda, como o pequeno comércio e vendas; 3. a crescente participação feminina na força de trabalho.

Neste setor os serviços que mais crescem: 1. Telecomunicações e Informática: onde a tendência é o aumento da exigência quanto à qualificação formal dos trabalhadores, perda de empregos em empresas de porte muito grande (mil empregados) e de crescimento do emprego nas categorias micro, pequena e média empresas. 2. O Setor Financeiro apresentou recuperação a partir de 2000, após ser fortemente atingido pela crise de 1999. Existe um grande movimento de concentração no setor associado à internacionalização do setor financeiro. O potencial de emprego é grande já que existem incentivos para a expansão do setor. 3. O Turismo: que é um dos campos mais promissores para a geração de empregos e crescimento econômico do país.

Este é o panorama brasileiro, e o Maranhão não foge à regra. É bom que se registre que Maranhão é o Estado brasileiro com menor grau de urbanização, e desde longas datas sua economia baseia-se no setor Serviços. Outros indicadores, como dados do PNAD (Pesquisa de Amostra por Domicílios), mostram que em nosso Estado tem havido aumento na ocupação em ramos como comércio (e veículos e combustíveis), transportes e serviços sociais.

Já quanto à Construção Civil em todo o país se observa um grande aumento, neste setor, da oferta de empregos com carteira assinada. Comparativamente a janeiro de 2007, em janeiro de 2008 o setor teve alta de 230% - dados do CAGED.

Nas cadeias produtivas, a disseminação da rede tem provocado alterações tanto na forma de organização dos processos produtivos quanto na própria concepção de empresas e negócios. A expressão mais visível dessa mudança em nossa região é a expansão dos pequenos negócios, muitos ainda na informalidade, e notadamente expansão de empresas no ramo da Tecnologia da Informação.

Muito bom que estejamos crescendo, ainda que a passos lentos, porém a notícia não é tão boa quando percebemos a lentidão ainda maior dos trabalhadores, de se ajustarem a este novo panorama. Assim considerando, podemos concluir pelo que já se vê: um estrangulamento do mercado de trabalho, quando os mais capazes se encontram empregados e sobrecarregados, enquanto a grande massa de trabalhadores permanece sem condições de serem aproveitados nos muitos postos de trabalho disponíveis.

O que podemos fazer para reverter este cenário?

---

<sup>i</sup> Maria Arlinda Reis de M. Freitas é psicóloga organizacional, consultora de RH, professora universitária. Diretora técnica de People Gestão Organizacional ( [www.peoplegestao.com.br](http://www.peoplegestao.com.br) ).